Remetente: Napoleão

D. João trocava palavras gentis em cartas que Bonaparte usou para exigir a lealdade dos portugueses

MUSEU DE PICARDIE, FRANÇA

No óleo sobre tela de Jules-Claude Ziegler, José Bonaparte e o Marquês de Cornwallis firmam o Tratado de Aimens, comentado por Napoleão em sua carta.

"ESTOU INTERESSADO EM CONTAR com os sentimentos que Vossa Alteza Real mostrou-se disposto a demonstrar." A frase encontrada na correspondência escrita por Napoleão Bonaparte ao príncipe regente D. João é instigante. O documento localizado na seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional revela a pressão sofrida pelo regente português para que ele tomasse partido, em 1803, na disputa entre as duas potências europeias mais importantes do período: Inglaterra e França.

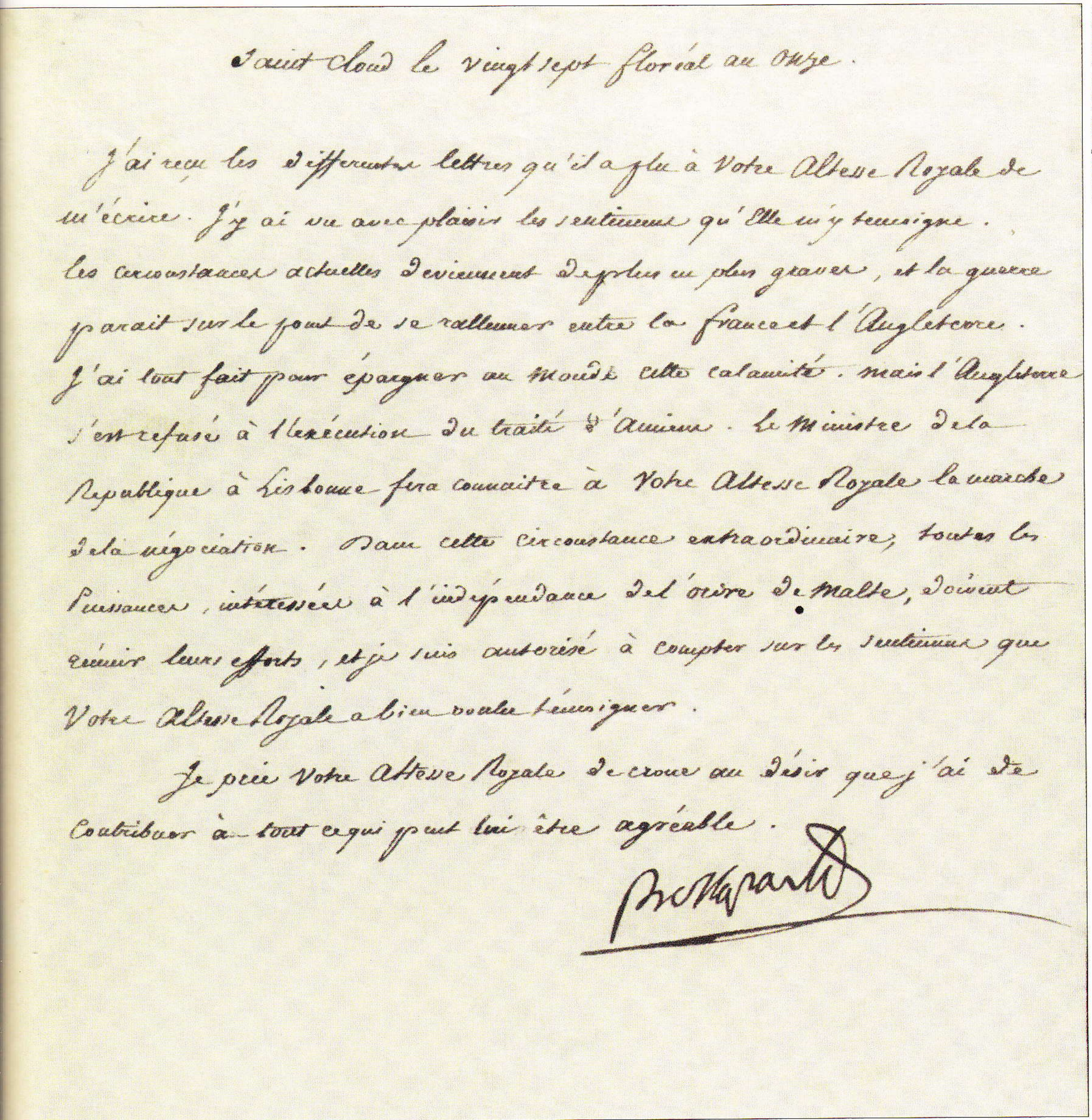
Após a Revolução Francesa (1789-1799) e os fatos que a sucederam, como a auto-nomeação de Bonaparte como Cônsul vitalício (1802), Portugal não tinha muito o que fazer além de optar pela neutralidade. De um lado, havia a Inglaterra com uma marinha fortemente armada e economicamente superior àquele reino que dependia de trocas comerciais. Do outro, uma França militarmente fortalecida, com comércio desenvolvido e grandes pretensões expansionistas. A solução imediata foi tentar lidar com as duas potências, mas o futuro era incerto.

Para colocar em prática essa negociação dúbia, a troca de correspondências foi fundamental. Segundo o documento, Bonaparte viu "com prazer os sentimentos que Vossa Alteza Real o desejou" em "diversas cartas". Era o momento de provar o quão grandes e verdadeiros eram tais sentimentos.

A carta é datada com o calendário revolucionário, dia "27, floreal, ano Onze" (equivalente ao dia 16 de maio de 1803 no calendário gregoriano) e foi escrita no castelo de Saint Cloud, residência construída no século XVI com vista para o rio Sena, e ocupado por Napoleão. O assunto principal era o não cumprimento por parte da Inglaterra do Tratado de Amiens (1802): "Eu fiz de tudo para salvar o mundo desta calamidade [*a guerra*], mas a Inglaterra se recusa a cumprir o Tratado de Amiens".

O tratado foi firmado entre o irmão mais velho de Napoleão, José Bonaparte (1768-1844), e o general britânico Marquês de Cornwallis (1738-1805), na cidade de Amiens, na França, em 1802. Considerado um dos mais importantes acordos de paz da época, ele pôs fim, por um período, a 15 anos de guerras entre as duas potências. Suas cláusulas diziam respeito, principalmente, aos territórios coloniais e foi a questão de Malta que mais provocou a ira de Napoleão.

A Ilha de Malta, localizada no Mar Mediterrâneo numa posição militar estratégica para um assalto à França, foi considerada um território neutro naquele documento. Isso significava que a Inglaterra deveria retirar suas tropas da ilha para manter a paz. Um ano depois, com o descumprimento da cláusula, a intenção de Bonaparte era a de invadir o Reino Unido. Napoleão escreveu ao príncipe regente D. João, pois queria contar com sua ajuda e lealdade: "As circunstâncias atuais vem se tornando cada vez mais graves, e a guerra parece à beira de acontecer entre a França e


Saint Cloud le vingt sept floréal an onze.

J'ai reçu les différentes lettres qu'il a plu à Votre Altesse Royale de m'écrire. J'y ai vu avec plaisir les sentiments qu'Elle m'y témoigne. Les circonstances actuelles deviennent de plus en plus graves, et la guerre paraît sur le point de se rallumer entre la France et l'Angleterre. J'ai tout fait pour épargner au monde cette calamité. Mais l'Angleterre s'est refusée à l'exécution du traité d'Amiens. Le Ministre de la République à Lisbonne fera connaître à Votre Altesse Royale la marche de la négociation. Dans cette circonstance extraordinaire, toutes les Puissances, intéressées à l'indépendance de l'ordre de Malte, doivent réunir leurs efforts, et je suis autorisé à compter sur les sentiments que Votre Altesse Royale a bien voulu témoigner.

Je prie Votre Altesse Royale de croire au désir que j'ai de contribuer à tout ce qui peut lui être agréable.

Bonaparte

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Ao lado, a carta de Napoleão Bonaparte pedindo para o reino português ficar ao lado da França numa iminente guerra com a Inglaterra.

a Inglaterra (...). O Ministro da República em Lisboa fará Vossa Alteza Real conhecer o andamento da negociação. Nesta circunstância extraordinária, todos os Poderes, interessados na independência da ilha de Malta, devem reunir seus esforços".

Recém saído da Guerra das Laranjas (1801) entre Portugal e Espanha (aliada da França), D. João não podia se indispor. Já havia perdido muito e se sujeitado aos termos do Tratado de Badajoz (1801), que finalizou a guerra entre os reinos ibéricos, e trouxe benefícios apenas para a Espanha e para a França, que impediu os navios ingleses de chegarem aos portos portugueses. Mas Napoleão sabia que a influência inglesa em terras lusas assombrava suas pretensões. Ao finalizar a correspondência, Napoleão pede "a Vossa Alteza Real que acredite no desejo que eu tenho de contribuir com tudo que possa lhe ser agradável", sugerindo que aqueles que lhe eram leais teriam sua recompensa.

Entretanto, um reino não vive de promessas, e sim de ações. Já como imperador, Napoleão Bonaparte decretou o Bloqueio Continental e pressionou Portugal a cortar qualquer tipo de relação com os ingleses. Como resposta, o resultado foi a ação rápida da Coroa inglesa. Em 1807, uma convenção secreta entre Portugal e Inglaterra garantiu a transferência da família real portuguesa para o Brasil. Logo depois dos nobres e de toda a comitiva, vieram inúmeros livros, tratados, documentos e cartas, como a que Bonaparte escreveu para D. João e que a Biblioteca Nacional guarda como um tesouro.
(CAROLINA FERRO)